

1831
76: 27

O Precursor.

por Garrett.

*Acude e corre, pae,—que se não corres,
Póde ser que não aches quem socorres.*

CAMÕES.

LONDRES, 27 DE SEPTEMBRO, 1831.

AOS PORTUGUEZES DE TODAS AS OPINIÕES E PARTIDOS.

O prazo da expiação vai enfim terminar, a hora da salvação chega. Preparemo'-nos todos para ella; e annunciemo'-la de boca em boca para que aos remissos não falte admoestação, aos culpados salutar remorso, e aos verdadeiros leaes se dobre o ânimo e a coragem que devem appressar o triumpho.

Os extremos, segundo é velho e sabido rifão, ao cabo se toçam: Portugal não póde mais com a desgraça: seus padecimentos chegaram áquella meta derradeira em que é forçoso ao mesmo infortunio desandar. Um so, mas valente esforço, unico mas simultaneo, e estamos salvos. E'sta unidade de acção, ésta centralização de todas as forças, de todas as vontades, de todos os meios, é a que so falta, e que so basta. Concorramos todos para ella, e acabemos a grande obra da salvação da Patria.

O PRECURSOR ousa metter hombros á empreza, talvez não facil, de chamar a todos os seus compatriotas a ésta união, a ésta cordial junção de meios e forças que no momento da crise se requerem.

Um centro de opiniões e principios para todos os verdadeiros amigos da Liberdade e felicidade da patria tinhamos ja na Rainha e na Carta. Um chefe em-torno do qual nos reunissemos para defender esses dous caros penhores, para pugnar por elles, nos faltava. Por secretos juizos da Providencia esse chefe appareceu no meio de nós quando menos o esperavamos. O augusto primogenito da casa de nossos antigos Reis volveu a presidir aos destinos portuguezes. Outra vez um Duque de Bragança terá a glória de libertar a patria, e de restituir o miserando e abatido Portugal á communhão das nações. Ja devemos ao Senhor D. Pedro IV rei de Portugal a restituição de nossos antigos foros, e das liberdades da patria, deveremos agora mais ao Sr. D. Pedro Duque de Bragança---essa mesma patria---que ja não existe, ou como se não existisse, apenas dura nos tormentos de sua prolongada agonía. A elle pois como a nosso natural defensor, a elle bradâmos nós e a Patria, a elle os Portuguezes e sua Rainha bradâmos pelas palavras do poeta:

*Acude e corre, pae,—que, se não corres,
Póde ser que não aches quem socorres.*

E'sta devisa, que para sua tomou o PRECURSOR, assim como hade estar fixa e constante em suas paginas, deve andar continua e perpétua na boca de todos os Portuguezes. Portugal, repito, ja não póde com a desgraça que o opprime: corramos e acudamos-lhe ja, ou não chegaremos a tempo. Prudencias de *Fabios Tar*

dadores perderiam agora a batalha que até loucas temeridades de *Varrões* poderiam ganhar. Ou agora ou nunca. E porque não agora? Agora que tudo nos favorece, agora que tudo conspira a ajudar-nos? Agora sim, e agora se hade salvar a patria.

E porque não agora? E que nos falta? Examinemos nossa posição e a de nossos inimigos; calculemos sem paixão suas forças e as nossas, os seus e os nossos recursos; e veremos quam certa deve ser, quam facil pôde ser a restauração da Patria se quizermos empregar os devidos meios.

Não ha onze annos que Portugal ouviu pela primeira vez o brado da liberdade: e posto que nova e desconhecida, tam encantadora é essa voz, que nos mais remotos angulos do paiz achou echo unanime. Nem um so clamor surdo quebrou a harmonia geral. Mas a grande massa dos Portuguezes respondeu á Liberdade sem saber a quem o fazia, seguiu-a sem saber como. Foi o instincto do coração em que não entrou o raciocinio do intendmento. E certo, para mover um povo basta aquelle cego impulso; mas para o fazer perseverar, para o levar a sacrificios, para o fazer manter luctas porfiadas---não basta. E' preciso, ou que elle toque, palpe immediatamente os verdadeiros e reaes gosos da Liberdade---ou que, por contrario argumento, tam duro pese sôbre elle o despotismo, que em seus ferros apprenda a avaliar a liberdade que não conhecia.

Não é para aqui nem para agora examinar as causas que entre nós vedaram aquelle primeiro meio de convicção: basta estabelecer o incontestavel facto de que infelizmente "Portugal não conheceu, *por seus fructos*, a Liberdade." Igual verdade direi quando asseverar que ha duas gerações, pelo menos, desde o reinado da Senhora D. Maria I. até á usurpação de D. Miguel o despotismo que nos avexava era d'aquella especie corrupta e devassa que apodrece o amago das nações, e as carcome como uma asquerosa úlcera de cancro. Mas não é esse o despotismo feroz e sanguinario que desperta os povos, e que nos proprios males com que os affronta lhe faz conhecer os bens da liberdade. Nem por um nem por outro modo apprendêra ainda a nação portugueza. A sciencia do bem e do mal era-lhe defesa como a nossos primeiros paes. Daqui a facilidade com que partidos comparativamente pequenos a levaram do despotismo á liberdade e da liberdade ao despotismo. D'aqui o extraordinario phenomeno da quazi nenhuma violencia com que tam rapidamente e tam repetidamente se fizeram éstas mudanças. A verdade nua, sincera é que taes *mudanças* não houve. Alteraram-se por vezes nomes e fórmulas; a natureza da administração permaneceu a mesma---nem tam má e cruel que bem desacreditasse o despotismo---nem tam boa e justa que accreditasse a liberdade. Hoje porém que differença! Tres annos de D. Miguel teem feito tudo. Muita lagryma e muito sangue tem custado a licção, mas é licção que não hade esquecer. Agora ja os Portuguezes conhecem o despotismo---e por elle, a liberdade. Ja por ella pelejam espontaneos, ja por ella sangram e morrem no campo, nos tormentos, nos cadafalsos. E morrem como homens. Quem como homem morre, como homem é capaz e digno de viver.

La estão pois os elementos, la em Portugal, la nos desertos d' essas cidades, nos ermos d' esses campos, la está, quando menos, o sólido fulcro para a alavanca que derribe o colosso: o colosso de pés de barro, que nossa confiança cega em protectores estranhos deixou erguer; que a perfidia d' esses protectores sustentou depois tam barbaramente. Novos e novos factos confirmam todos os dias a importante verdade de que a nação portugueza acordou do lethargo: os espectaculos de sangue que regallam seu tyranno, teem-lhe aberto os olhos a ella. E' lento---inda mal!---e priguiçoso seu despertar: mas a ira do leão não se move facil---nem facil se applaca tam pouco.

E' inquestionavel que duas coisas teem atégora sustido D. Miguel em seu throno ephemero. O amparo de certas Potencias estrangeiras---e a difficuldade de reunir um primeiro e consideravel número de gente armada que a si possa chamar a grande maioria da população indefesa e desarmada, a quem sobeja animo e vontade, mas a quem todos os meios de obrar fallecem.

O primeiro obstaculo quasi removido está. As duas grandes e generosas nações que se acham á frente da civilização europea são hoje presididas por governos que não somente não sympathisam com o tyranno que opprime Portugal, mas cujos interesses, *hoje mais que nunca*, requerem [a] destruição e castigo do monstro. Disse e repito---“hoje mais que nunca.” Desde que a vanguarda da liberdade da Europa cedeu em Varsosia, a necessidade de acabar com as cidadellas do despotismo em Lisboa e Madrid, recresceu e dobrou. Não é mister ser grande estadista para ver coisas tam palpaveis.

Desprotegido de fóra, ameaçado em casa de toda a parte, pela crescente indignação do povo, pela desaffeição de seus proprios soldados,---sem marinha que vilmente perdeu---quaes possibilidades de resistencia offerece o govêrno do tyranno á primeira fôrça consideravel que se appresentar chamando a nação á suspirada liberdade? O exemplo do que as gloriosas armas da Regencia encontraram no Fayal e em San' Miguel, nos mostra o que deve succeder em Portugal quando os bravos da Terceira apportarem em suas praias. Como combatem e como vencem os nossos, os rebeldes o teem experimentado. A clemencia que segue seus triumphos tem feito a admiração da Europa, a vergonha da usurpação e a maior glória de nossa bandeira, bem como a mais clara prôva e illustre documento da generosidade de nossos principios.

Eia pois! em poucos dias a bandeira bicolor tremulará nas poppas da armada da Rainha de Portugal. Em poucas semanas a esquadra libertadora estará no Atlantico recebendo os invenciveis batalhões que no Prado, no Coruche, na Praya, em San' Miguel renderam quanto se lhe oppoz. Outra fôrça mais poderosa ainda irá com elles: outro podêr, cujo so nome é uma *torre de fortaleza* contra seus e nossos inimigos.

Traidores tremei! Leaes cobrae animo! D. Pedro apparecerá nomeio de vós como o juiz que vem tomar contas, como o pae que vem premiar e castigar---e perdoar E perdoar tambem: mas perdoar aoque se arrepender a tempo---ao que a tempo souber remir---descontar pelo menos, nos crimes passados com novos e signalados serviços! Miseraveis, doei-vos de vós, de vós mesmos, e aproveitae a hora de clemencia que ainda uma vez, mas pela derradeira vez se vos offerece.

Criminosos, imperdoaveis criminosos, vós que vos manchastes no sangue leal e innocente---juizes atrozes, sacerdotes perseguidores, e vós nobres que vos enviacestes no voluntario mister de algozes---fugi: não queremos o vosso sangue---não queremos sangue por sangue: fugi. Culpados, que por fraqueza e cobardia o fostes, acudi ao baptismo de sangue que so vos pôde regenerar: voltae as armas da oppressão contra o oppressor; mostrae, por feitos que o provem, a sinceridade do arrependimento, e nós faremos mais que perdoar, *esqueceremos* vossas faltas.

Indolentes e tibios---dáqui em dêante ja não o podeis ser sem crime. Covardes, tambem não é pequeno o vosso, se tantas desgraças da patria, se tantos crimes de seus tyrannos, se o proximo prospecto de a salvar vos não alevanta do culposo ocio em que jazendo a fazeis jazer.

E vós, cujas differentes opiniões em pessoas e coisas, dentro e fóra de Portugal, trazem divididos---vós que por leaes e livres tudo sacrificastes, sabei tambem sacrificar o que menos deve valer---disputaveis theorias de principios---questionaveis conceitos de pessoas. Pedeo a salvagão da patria: ninguem se peje de ser o primeiro: o mais honrado será o que der o exemplo. Não o dá quem o devia dar? Não quebram os que, por fortes, mais nobre lhes era fazê-lo? Embora!---Mais deverá a patria a quem o fizer. Salvá-la é tudo: que importa quem e como? A união dos Portuguzes, a centralização de todas as fôrças phisicas e moraes dentro e fóra do paiz é a que se requer e que precisa nos é. Sem ella podemos perder tudo: com ella tudo será ganho. Estejamos todos promptos, unidos e alerta. Nós todos os que temos a Carta no coração, todos os que pela liberdade nos immolamos á Legitimidade, todos os que por servir a Legitimidade, pela liberdade pelejamos---todos (reflectamos um momento) todos queremos o mesmo. Se n'algum ponto divergimos, não é para agora discuti-lo. Em nome da Carta e da Liberdade, em

nome da Rainha e da Legitimidade reunamonos em tórno do illustre restaurador da Liberdade Portugueza e com o augusto Chefe da Casa de Brazança restauremos a Realeza, a Liberdade e a Patria.

DOCUMENTOS.

Transerevemos, por saber que esse é o desejo de muitos Portuguezes, que ainda o não virão. o seguinte officio do General Conde de Villa Flor.

Illm. e Exm. Snr.

Tenho a satisfação de participar a V. Exa., para ser presente á Regencia em Nome da Rainha, que a Ilha de S. Miguel se acha libertada do jugo que a opprimia, as tropas que a guarnecião completamente rotas, e dispersas, os Soldados pela maior parte apresentados, e aprisionados, e o Legitimo Governo de S. M. F., e a Carta Constitucional da Monarchia, proclamada no meio das expressões de júbilo, e enthusiasmo, d'estes leaes habitantes.

Este successo, que acaba de arrancar da escravidão o archipelago dos Açores, e que tanto honra os Defensores da Legitimidade, que jámais o abandono, e a desgraça poderão abater, teve logar pela maneira de que passo a informar a V. Exa., e por sua via a Regencia em Nome de S. Magestade.

Em resultado do reconhecimento a que eu havia mandado proceder sobre as costas da Ilha de S. Miguel, em 27 de Julho, determinei effectuar o desembarque da Divisão Expedicionaria, em caso de não appareção de navio inimigo, na costa daquella Ilha, que fica a E. da ponta d'Ajuda. Em consequencia, sahindo de Angra no dia 31 de Julho sobre a tarde, comecei a navegar sobre o ponto que havia mareado á Chalupa de Guerra de S. Magestade, que tinha ido na frente, para se reunir ao resto do Comboy.

Naveguei toda a noite e tarde seguinte; e tendo os navios do Comboy cahido um pouco a sóta-vento da derróta premeditada, sobre a noite me achei em frente da ponta do N. O. da Ilha, que logo dobrei; e tendo-se reunido a Chalupa ao Comboy, corri a costa do N., em vista da terra, até ao ponto do desembarque, defronte do qual cheguei no dia 1. d'Agosto ás 5 para 6 horas da manhã.

Immediatamente começou a effectuar-se o desembarque na fóz da Ribeira, que fica ao O. do logar d'Achadinha, e posto que o ponto do desembarque fosse incommodo e arriscado, e o vento soprasse com bastante força do lado do N., para produzir um pôlo de mar consideravel, toda a força desembarcou sem risco, tendo sido dispersados pelos primeiros que aportavão, alguns paizanos, que forçados pelos delegados dos oppressores, destacavão com alavancas os penedos do alto da elevada esearpa do mar, e os fazião rolar sobre a nossa Tropa.

O inimigo, que desde o romper do dia observára as nossas vélas dirigindo-se ao longo da costa, pôz em marcha simultaneamente uma força na mesma direcção, e outra que existia no Valle das Furnas, ambas destinadas a estorvar o desembarque.

A primeira destas forças, depois de um tiroteio, que teve logar com as nossas avançadas, nas alturas da ponta d'Ajuda, retirou-se, deixando em nosso poder uma peça de montanha, e suas munições, e morto na campo, o Capitão Marcellino Coelho Bandeira do Quintal, Ajudante de Ordens do general Prêgo, alguns Soldados de Caçadores N. II, das Companhias de Voluntarios addicionaes ao mesmo Batalhão, e alguns prisioneiros dos mesmos Corpos.

A segunda força, que accommetêo o flanco esquerdo da Columna em marcha, foi igualmente desbaratada, com perda do Capitão Joze Maria da Silveira, d'Infanteria N. 20, que a commandava, e de alguns Soldados mortos e prisioneiros.

Conseguido isto, e tendo-se no entanto concluido o desembarque; com toda a Divisão reunida, estabeleci o campo nas alturas que dominão o Logar da Maia, tendo na minha frente a profunda ravina denominada Ribeira dos Moínhos.

Ao romper da manhã comecei a marchar ao longo da estrada do Litoral, atraves

sando o Logar da Maia, que o inimigo tinha feito abandonar quasi totalmente pelos habitantes; e sem encontrar o menor obstaculo, avancei até ao Logar de Porto Formozo, cujos fortes se achavão abandonados, e encravada a artilheria que os guarnecia.

O Logar do Porto Formozo está situado no fundo de uma enseáda, e na parte inferior de uma bacia, ou valle semi-circular, que limitão ao S., a cadêa de serras do centro da Ilha; ao E., um contraforte pouco elevado da mesma cadêa que desce para o mar, e separa a baixa de Porto Formozo dos campos da Maia; e finalmente ao O., outro contraforte mais alto e escarpado, que penetrando no mar na direcção do S., para o N., constitue a ponta da Ribeira Grande. As vertentes da cadêa central, altas, abruptas, e pouco consi- ntes, são cortadas por um numero consideravel de ravinas, difficilimas de atravessar, e o contraforte de O., não menos abrupto, he cortado pela estrada eucachilhada entre barreiras verticaes, que conduz do Porto Formozo á Ribeira Grande, a que dão o nome de Ladeira da Velha; constiuindo este contraforte uma posição militar das mais formidaveis, tanto pelo seu difficil ingresso, como pela sua curta frente, e apoio dos seus flancos na cadêa central, e no mar, com um morro abrupto, e inaccessivel.

Uma similhante posição, que cõbre a Villa de Ribeira Grande, e Cidade de Ponta Delgada, e toda a parte de O. da Ilha de S. Miguel, não podia ser, nem foi effectivamente abandonada pelo inimigo, o qual, tendo praticado uma profunda cortadura na estrada unica, que a atravessa, guarneceo as alturas com toda a força que tinha na Cidade, na Ribeira Grande, e em todas as suas immediações; força que avalio em dois mil e quinhentos, a tres mil homens.

Erão 6 horas da manhã, quando tendo observado a posição do inimigo, fiz fazer alto, e dar descanso á Divisão, no Porto Formozo, aproveitando este tempo para fazer ao Comboy os signaes necessarios, para desembarcar naquelle porto as reservas de polvora, que a difficuldade do terreno em que desembarquei, me não permittio lançar em terra.

Isto feito, e tendo reconhecido a força que o inimigo podia tirar da formidavel posição que occupava, e da artilheria com que a guarnecia; e já então tinha trocado alguns tiros com a peça de montanha, que lhe haviamos apprehendido no dia antecedente, vi que devia supprir com a manobra, aquillo que me faltava em numero, e em terrêno; e determinei tornear o inimigo pelo seu flanco direito, fazeudo o maior esforço por ganhar os cumes da cadêa central, e enfraquecendo assim a sua resistencia, forçar de frente a passagem da estrada da Ladeira da Velha. Para este fim ordenei ao Batalhão de Caçadores N. 5, que avançasse a travez das ravinas, a ganhar a extrema direita do inimigo, e logo que vi a sua marcha sufficientemente avançada, e um tiroteio começado com os atiradores d'este Corpo, fiz marchar o Deposito de Cadetes, e Companhia de Académicos, a auxiliar e ampliar este ataque, formando a direita do 5 Batalhão de Caçadores; e os Batalhões de Infanteria N. 18, do Regimento Provisorio, e Contingente do Batalhão d' Artilheria d' Angra, tendo na frente o Corpo de Sapadores, fazendo o serviço de Caçadores, forão destinados a effectuar na occasião opportuna o ataque da estrada.

Em quanto progredião os movimentos de flanco, e continuava na nossa esquerda o tiroteio, entre os atiradores do Batalhão de Caçadores N. 5, e a direita do inimigo, e que este, julgando indispensavel oppor-se áquelle ataque, chamava pouco a pouco a sua força para as alturas do seu flanco direito, toda a sua linha rompeo em alaridos, e brados de alegria, e subitamente uma força de 400 homens de Milicias de Villa Franca, e 100 homens do Regimento de Infanteria N. 1, que de Villa Franca marcharão, atravessando a cadêa central da Ilha, sobre a Maia, fizerão um ataque subito sobre a nossa retaguarda. Porém foi de curta duração o alvoroço dos contrarios, por quanto, tendo immediatamente o Batalhão Provisorio, que fazia a nossa retaguarda, feito frente a este novo inimigo, o poz em plena fuga, depois de experimentar uma descarga cerrada, fugindo immediatamente apenas presentirão o vigor do nosso ataque, sem que nem um momento este ataque subito e inesperado interrompesse ou alterasse o plano, ou o progresso das operações da nossa frente.

Logo que o inimigo observou a nullidade de effeito do ataque precedente, em que sem dúvida tinha posto a mais firme esperança de successo dirigio toda a sua attenção sobre o seu flanco direito, e á medida que puchava mais, e mais forças para aquella ala, e que a estendia successivamente para a crista das montanhas, o tiroteio com o Batalhão de Caçadores N. 5, tornava-se mais vivo e animado, e o Corpo de Cadetes, e Académicos tinha avançado sufficientemente, e ganho uma posição propria para tirar vantagem do primeiro movimento retrogado a que o inimigo fosse obrigado. Então julguei ser chegado o momento de atacar a posição em frente ao longo da estrada, e assim o effeitei com a Columna de Infantaria acima designada, deixando duas Companhias do Regimento Provisorio a cobrir, e segurar a nossa retaguarda.

Immediatamente que o inimigo se vio accommettido em frente, passada a cortadura da estrada, e o nosso ataque de flanco levado avante com um novo vigor; começou a fazer fogo em retirada, abandonando successivamente todas as suas posições, até que, vencido o ponto culminante do contraforte pela nossa Columna, o observámos e perseguimos no vertente opposto da montanha, não só em completa derróta, mas em uma absoluta fuga, e debandada.

Passado isto, os nossos Corpos, dobrando a altura, vierão formar-se todos na estrada que conduz á Villa da Ribeira Grande, no extremo da qual estabeleci o campo, depois d'este glorioso, e decisivo combate.

O numero de mortos do inimigo deve ter sido consideravel: e pelo que respeita á sua perda, só posso dizer que foi completa; por quanto não reunirão mais um só pelotão da força que entrou em combate; e todas as guarnições que tinham nos diferentes pontos da costa, enfiarão no dia seguinte a sua submissão, á discreção, tendo-os já abandonado a maior parte dos Soldados.

Um desembarque effeituado em uma costa difficil, e protegida por um navio de guerra, a que se não podião oppôr sem temeridade os nossos navios; dois dias de combate nas posições as mais adversas, e contra uma força triplicada; uma victoria completa, e a perfeita derrota dos nossos adversarios; tal he a historia da Expedição que sob o meu Commando acaba de libertar a Ilha de S. Miguel.

Todos os Corpos, todos os individuos desta Divisão entrãrão na peleja, todos triumphãrão das maiores privações, e difficuldades; Officiaes, e Soldados desta Divisão, todos mostrarão a porfia o denôdo, a audácia, e a constancia, que nas épocas as mais brilhantes da nossa historia distinguirão os Portuguezes, e os tornãrão a admiração das mais Nações. Resultados de tanta importancia custãrão á Divisão a vida do Tenente de Caçadores N. 5, Antonio Joaquim Borges de Bettencourt, que morrêo no sólo que o vio nascêr, e no momento em que o libertavamos, e 5 Soldados do mesmo Corpo; ficando d'elle feridos gravemente o Alferes Joze Maria de Moraes Rêgo, e 2 Soldados; e levemente o Ajudante João Baptista d'Abreu, 2 Officiaes-Inferiores, e 17 Soldados; os demais Corpos tiverão uma perda menór, que não posso enumerar exactamente, por não ter ainda recebido os respectivos mappas.

No momento em que o General intruso, *Prego*, foi informado da nossa appareição sobre a costa do N., adiantou-se em carruagem até á Villa da Ribeira Grande; mas logo que soube que tinhamos effeituado o desembarque, e repellido a força destacada para nos impedir, voltou do mesmo modo para a Cidade, e terminando assim as suas operações militares, entregou as forças á direcção do Coronel Silva Reis, que foi o commandante da acção que teve logar nos montes da Ladeira da Velha.

O Povo da Cidade de Ponta Delgada, ha tanto tempo opprimido, apenas no dia 2 de Agosto vio a Cidade inteiramente abandonada pelas forças militares, rompêo em vivas á Rainha a Senhora D. Maria II., e á Carta Constitucional, arvorou a Bandeira Nacional no Castello de S. Braz, e começou sobre a tarde a desarmar, e prender os Soldados, e Officiaes, que fugião do campo da Batalha. Porém o General *Prego*, com parte do seu Estado maior, o Corregedor, e Juizes de Fôra desta Cidade, e Villa da Ribeira Grande, tiverão tempo de embarcar a bordo de uma Barca Ingleza, que se fez de véla d'este Porto. Deos Guarde a V. Exa. Quartel

General em Ponta Delgada, 4 de Agosto de 1831.---Illm. e Exm. Snr. Joaquim de Souza de Quevedo Pizarro.---*Conde de Villa-Flór.*

P. S. O meu Ajudante de Ordens, portador da presente, vai encarregado de apresentar á Regencia, em Nome da Rainha, as Bandeiras dos Regimentos d'Infanteria N. 7, e 20, por nós resgatadas das mãos que as profanavão, na acção de Porto Formozo.

---Daremos em seguida todos os mais documentos relativos á restauração do Archipelago Açoriano.

NB. D'uma carta particular extrahimos o seguinte:---

Nomes dos officiaes que ficaram prisioneiros

Joze da Silva Reis, Coronel d'artilheria.---Joze Joaquim Ba rreira, Capitão do dito.---Victorino João Carlos Dantas Pereira, dito.---Luiz Almei la Ferreira Nobre, dito.---Manoel Joze Francisco, 2. Tenente de n. 1.---Wenceslão Antonio, 2. Tenente de conductores.---Sebastião Cabral de Freire, 1. Tenente d'Angra.---Antonio de Bettencourt de Vasconcellos, Cadete do dito.---Amancio Joze da Silveira, Capitão d'infanteria n. 1.---Joze Joaquim Simões, Tenente Ajudante do dito.---Francisco Rodrigues Fangueiro, Tenente do dito.---Joaquim Pedro Xavier da Silva, Cadete do dito.---Theotônio Borges da Silva Leite, Capitão d'infanteria n. 7.---Joaquim Joze Pereira de Castro, Alferes do dito.---Antonio de Brito e Mello, Cadete do dito.---Francisco de Borja Velozo Palhares, dito do dito.---Antonio Luiz Xavier de Macedo, dito do dito.---Francisco Manoel Couceiro, Tenente Coronel graduado d'infanteria n. 20.---Antonio Joaquim Henriques Lobinho, Capitão do dito.---Francisco de Paiva, dito do dito.---Lourenço Caetano Cayola, Tenente do dito.---Henrique Joze de Mattos, Capitão Quartel-mestre do dito.---Vicente Caetano de Novaes, Tenente Ajudante do dito.---Manoel Caldeira de Miranda Cayola, Alferes do dito.---Antonio Joze Salgado d'Araujo, Tenente do dito.---Diogo Francisco Cortes Paim, Alferes do dito.---Joze Maria de Campos, Tenente do dito.---Ignacio Serrão Borguete, Alferes do dito.---Joze Justino Cortes Paim, Cadete do dito.---Antonio Soares da Silveira e Cunha, Capitão d'infanteria da cidade.---Antonio da Silveira Pinheiro, Tenente do dito.---Antonio Felix de Mattos, dito do dito.---André Manoel Abreu Cabral, Coronel das milicias da cidade.---Lourenço Joze de Bivár, Major de miliciaes da Ribeira Grande.---Francisco de Paula da Cunha, Capitão de caçadores n. 11.---Bento Joze da Silva, Ajudante do dito.---Joze Antonio d'Oliveira, Alferes do dito. ---Alexandre Luiz da Costa, dito do dito.---João de Passos, Alferes d'infanteria n. 4.---Antonio Izidoro de Moraes Ancora, ex-Governador do Fayal.---Joze Joaquim Arnaud, Ajudante d'ordenanças de Ponta Delgada. Jacinto Leite, Coronel de milicias da Ribeira grande.---Antonio Feliciano do Rego, Major de milicias de Ponta delgada.---Joaquim Manoel Fernandes Braga, Primeiro Tenente d'artilheria n. 2.---Joze Maria de Souza Rademaker, Tenente de caçadores n. 11.---Guido Joze Serrão, Tenente Coronel d'infantaria n. 7.---Andre Joze de Carvalho, Alferes d'infantaria n. 14.---Vicente Borges Rebello, Tenente Coronel do Batalhão de linha do S. Miguel.---Antonio de Soura Madeiros e Canto, Capitão de caçadores milicianos.---Manoel Joaquim Cabral de Vasconcellos, Capitão mor das ordenanças do Nordeste.---Jorge Henrique de Mesquita, Official da Secretaria do Governo.---Capitão Abranches de caçadores n. 11.

Relação numerica dos Soldados prisioneiros e apresentados até o dia 12 de Agosto.

Artilheiros de linha.....	148
Dos. provisorios	65
Dos. conductores.....	36
Caçadores n. 11.....	208
Infantaria n. 1.....	169
Do. n. 7.....	65
Do. n. 20.....	278
Batalhão de linha da terra.....	201
Companhia de Caçadores addiccionaes a n. 11.....	107
<hr/>	
Todos.....	1277

Força da columna expedicionaria constitucional.

Corpo de cadetes.....	85
Voluntarios academicos	62
Caçadores n. 5.....	408
Corpo de Sapadores.....	99
Infantaria n. 18.....	370
Regimento provisorio	370
Batalhão d'artilheria d'Angra.....	106
<hr/>	
Todos.....	1500

POSTSCRIPTUM.

Por cartas de França que vimos hoje 27 de Septembro, nos consta ter-se declarado pela Rainha Legitima, o vaso de guerra que a Brest viera arrecadar, por conta do usurpador, as presas portuguezas n'aquelle porto.

600

cc (Carta p 292)
22 10/8/13